

O dia-a-dia de quem limpa a sujeira da Sociedade: Orgulho ou vergonha?

The daily life of those who clean up the Society's dirt: Pride or shame?

DOI:10.34117/bjdv7n11-430

Recebimento dos originais: 12/10/2021

Aceitação para publicação: 24/11/2021

Flávia Michelle Pereira Albuquerque

Mestre em Desenvolvimento e Políticas Públicas
Faculdades Integradas Machado de Assis (FEMA)
Endereço: Rua: Av Santa Cruz 169 AP 3201
E-mail: flavia@fema.com.br

Juliane Colpo

Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUI)
Faculdades Integradas Machado de Assis (FEMA)
Endereço: Rua: Osvaldo Cruz, 60, Santa Rosa - RS
E-mail: jcolpo@fema.com.br

Nedisson Luis Gessi

Doutor em Desenvolvimento Regional (UNIJUI)
Mestre em Ensino Científico e Tecnológico (URI)
Faculdades Integradas Machado de Assis (FEMA)
Endereço: Rua das Gérberas, 400, Santa Rosa - RS
E-mail: nedisson@fema.com.br

Carine Eloise Zimmermann

Doutora em Farmacologia
Faculdades Integradas Machado de Assis (FEMA)
Endereço: Rua Av Castelo Branco, 564. Casa, Giruá/RS
E-mail: carine_zimmermann@yahoo.com.br

Camila Gabriele Câmara

Mestre em Gestão Estratégica de Organizações
Faculdades Integradas Machado de Assis (FEMA)
Endereço: Rua Arno Gunther Seibert, 20, ap102. Bairro Timbaúva, Santa Rosa/RS
E-mail: camaracamila@hotmail.com

Maria Da Graça Dias Da Costa Lyra

Especialista em Psicologia Clínica
I.E.E. Visconde de Cairu
Endereço: Rua Vasco da Gama, 238, bairro São Francisco, Santa Rosa/RS
E-mail: mgracalyra@hotmail.com

RESUMO

O termo Gari é utilizado para designar o profissional responsável pela limpeza das ruas, praças, parques e vias públicas, além de recolherem o lixo das residências, indústrias e edifícios comerciais e residenciais. Este trabalho teve como objetivo conhecer e compreender a dinâmica das relações de trabalho que se estabelecem com os garis, e entre eles e a sociedade em que estão inseridos. Para realização deste trabalho foram feitas observações e entrevistas na empresa responsável pela coleta de lixo do município, na empresa que efetivamente realiza a coleta de resíduos, além de acompanharmos a rotina de trabalho de uma equipe de coleta de lixo numa cidade de médio porte ao norte do Rio Grande do Sul. A sociedade discrimina esses trabalhadores da coleta de resíduos, e esse tratamento vem das mais variadas classes sociais. Apesar de imprescindíveis para a manutenção da limpeza das cidades, o gari quase sempre passa despercebido nas ruas. As pessoas costumam considerar o trabalhador braçal apenas como sombra na sociedade, seres invisíveis, sem nome. Portanto coube verificar a relação do trabalho como construtor da subjetividade desses trabalhadores e suas implicações na vida desses sujeitos tão essenciais e necessários em toda e qualquer cidade, localidade, país ou região do mundo. É para o lixo que vão todas as coisas que não queremos mais, que foram descartadas, e esses trabalhadores também seriam os “restos” da sociedade?

Palavras-chave: Lixo, Invisibilidade social, Gari, Trabalho.

ABSTRACT

The term Gari is used to designate the professional responsible for cleaning streets, squares, parks and public roads, in addition to collecting garbage from homes, industries and commercial and residential buildings. This work had as objective to know and understand the dynamics of the work relationships that are established with the street sweepers, and between them and the society in which they are inserted. In order to carry out this work, observations and interviews were made at the company responsible for garbage collection in the municipality, at the company that actually collects waste, in addition to monitoring the work routine of a garbage collection team in a medium-sized city in the north from Rio Grande do Sul. Society discriminates against these waste collection workers, and this treatment comes from the most varied social classes. Despite being essential for the maintenance of cleanliness in cities, the street sweeper almost always goes unnoticed on the streets. People tend to consider the manual worker only as a shadow in society, invisible, nameless beings. Therefore, it was necessary to verify the relationship of work as a builder of the subjectivity of these workers and its implications in the lives of these subjects that are so essential and necessary in any city, locality, country or region of the world. Is all the things that we no longer want, that were discarded, go to the garbage, and would these workers also be the “remnants” of society?

Keywords: Garbage, Social invisibility, Gari, Work.

1 INTRODUÇÃO

Realizamos o presente trabalho em uma empresa de coleta de resíduos numa cidade de porte médio no norte do Rio Grande do Sul. A coleta de lixo é feita em toda a cidade, tanto no perímetro urbano quanto no rural, estando dividida em vinte setores urbanos e onze setores rurais. Cada setor tem entre quarenta e setenta quilômetros a serem

percorridos pelo caminhão de lixo com sua equipe, e são coletados por dia entre cento e vinte e duzentas toneladas de lixo neste município.

O interesse por estudar os trabalhadores que coletam o lixo da cidade iniciou quando, na disciplina de Psicologia do Trabalho II do curso de graduação de Psicologia da UPF/RS, tínhamos que realizar um trabalho prático junto a um trabalhador que nos chama-se atenção, então escolhemos acompanhar e estudar o dia-a-dia dos garis, homens que vivem invisíveis perante a sociedade, que embora tenham um trabalho honesto e digno, muitas vezes passam despercebidos, como se fossem apenas sombras, pessoas excluídas e invisíveis, homens esses

que nos prestam um inestimável serviço e que são imprescindíveis para a limpeza e conservação dos espaços públicos, como ruas, praças, etc.

O trabalho foi realizado pelas acadêmicas no período de março a junho de 2012. Foram feitas visitas a CODEPAS (Companhia de Desenvolvimento de Passo Fundo, órgão público municipal responsável pela coleta de resíduos), a empresa Via Norte (empresa terceirizada pela Prefeitura que efetivamente realiza a coleta de resíduos no município) em duas de suas unidades sendo uma delas o seu centro administrativo e outra o escritório de onde saem os caminhões para coleta de lixo, que é o local de encontro e saída dos trabalhadores diariamente.

Os objetivos de nosso trabalho foram: conhecer e compreender a dinâmica das relações de trabalho que se estabelecem com os garis; conhecer a estrutura e funcionamento de uma empresa de limpeza urbana; conhecer o funcionamento e rotina de atividades desses trabalhadores; conhecer as relações de trabalho entre os garis e a empresa, entre os garis e a sociedade e entre eles mesmos; investigar a percepção que o gari tem em relação a atividade que exerce e como o trabalho é constitutivo de subjetividade para estes trabalhadores; conhecer as dificuldades e facilidades dessa profissão.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O termo gari surgiu em homenagem ao empresário Aleixo Gary que em 11 de outubro de 1876 assinou com o Ministério Imperial para prestar o serviço de limpeza urbana da cidade do Rio de Janeiro. Seu serviço era remover o lixo das residências, limpar as ruas e transportar o lixo para a ilha de Sapucaia, onde atualmente localiza-se o bairro do Caju. O contrato vigorou até 1886, mas Aleixo Gary permaneceu fazendo a

limpeza das ruas e coleta do lixo domiciliar até 1891, quando assumiu o seu lugar Luciano Gary, que era seu primo.

Desde então o termo gari é utilizado para designar o profissional responsável pela limpeza das ruas, praças, parques e vias públicas, além de recolherem o lixo das residências, indústrias e edifícios comerciais e residenciais. Também capinam a grama, lavam e desinfetam vias públicas. O gari trabalha com uma vassoura especial, cuidando da higiene e recolhendo os detritos que as cidades produzem diariamente e não tratam. Esse profissional é muito importante dentro da sociedade, pois é o gari quem faz com que o lixo não se acumule nas ruas e nos bueiros, causando enchentes e permitindo a proliferação de bichos e doenças.

Apesar de imprescindíveis para a manutenção da limpeza das cidades, o gari quase sempre passa despercebido nas ruas. As pessoas costumam considerar o trabalhador braçal apenas como sombra na sociedade, seres invisíveis, sem nome. O gari enfrenta o drama da “invisibilidade pública”, ou seja, uma percepção humana totalmente prejudicada e condicionada à divisão social do trabalho.

Outro ponto importante usado como referência neste artigo foi o estudo de caso desenvolvido por Fernando Braga da Costa que na época estudante de psicologia na USP teve que realizar um trabalho sem qualificação nenhuma por um dia para a disciplina de psicologia social II, então ele escolheu a profissão de gari e acabou juntando-se ao grupo de garis que limpavam as calçadas e ruas da Escola de Engenharia Civil da USP por nove anos. Segundo Celeguim (2009), Costa descobriu um mundo paralelo à sociedade atual onde o modelo de consumo dita a regra e os que não têm recursos financeiros ficam excluídos do contexto estabelecido. Essa exclusão social se mostra claramente quando Costa diz que as pessoas posicionadas na sociedade levam em consideração apenas a função social do outro e não o sujeito em si. Portanto a valorização social está vinculada ao sucesso e a posição ocupada no contexto social e aqueles que não estão providos das prerrogativas sociais estabelecidas pela sociedade de consumo atual tornam-se, portanto apenas uma sombra social.

Com base em sua experiência com estes profissionais da limpeza urbana, Costa desenvolveu a pesquisa *Garis - um estudo de psicologia sobre invisibilidade pública*. De acordo com Celeguim (2009), Costa refere-se a uma percepção humana distorcida e condicionada à divisão social do trabalho, ou seja, enxerga-se somente a função e não a pessoa.

Conforme Costa (2003): "A invisibilidade pública opera em dois planos: consciente e inconsciente. Quanto mais próximo se está desse sujeito 'invisível', mais consciência dela se tem." O resultado, segundo o pesquisador, é que pessoas passam a ser entendidas como coisas, chegando a ser imperceptíveis.

Mais tarde, Costa escreveu o livro "Homens Invisíveis: Relatos de Humilhação Social" de 2004, onde relata sua experiência de conviver com estes profissionais, submetidos às mais duras condições de vida e ao desprezo da sociedade.

Segundo Constantino (2007), a invisibilidade social provoca sentimentos de desprezo e humilhação em indivíduos que com ela convivem, podendo levar a processos depressivos. Segundo o mesmo autor,

"Aparecer" é ser importante para a espécie humana, ser valorizado de alguma forma é parte integrante de nossa passagem pela vida, temos que ser alguém, um bom profissional, um bom estudante, um bom pai, uma boa mãe, enfim, desempenhar com louvor algum papel social.

3 METODOLOGIA

Na disciplina de Psicologia do Trabalho II do curso de graduação de Psicologia da UPF/RS tínhamos que fazer um trabalho prático junto a um trabalhador que nos chama-se a atenção. Então decidimos estudar os garis, e o que nos motivou foi poder passar algum tempo com esses homens que vivem a sombra da sociedade.

A primeira visita foi realizada à CODEPAS (Companhia de Desenvolvimento de Passo Fundo), que é um órgão da administração indireta do Governo Municipal, onde conversamos com o Sr. L. C., responsável pela coleta de lixo no município.

Depois foram feitas visitas a empresa V. N., em seu centro administrativo e no escritório no bairro S. C., onde os garis e motoristas se encontram para registrarem seu ponto e também de onde partem os caminhões que fazem a coleta de lixo numa cidade do norte do estado do Rio Grande do Sul.

Nessas visitas ao escritório no bairro S.C. da empresa V. N. o que vimos foi um local de mais ou menos 10 m², com uma geladeira, uma mesa, um notebook, duas cadeiras, estante (com remédios, papéis, notas fiscais e horários), caixas empilhadas com tênis que são distribuídos para os garis, canos aparecendo, piso de cimento bruto, um lugar nada acolhedor, bastante abafado, com apenas uma janela, o que acarreta em pouca ventilação e baixa luminosidade.

Foi realizada uma visita a matriz da empresa V. N. onde conversamos com os responsáveis imediatos das equipes de coleta de lixo do município. A matriz da V. N. é um prédio bem vistoso, todo envidraçado, com ar condicionado em todas as salas nas quais passamos ou tivemos acesso, um local muito agradável, limpo, organizado, com muitos funcionários.

Segundo Morval (2007), o ambiente físico indica o lugar ou a posição de uma pessoa na organização, podendo se ter como exemplo os tamanhos das salas que variam de acordo com o cargo ocupado, o andar em que fica a sala dentro do prédio da empresa mostra o status e o grau de responsabilidade que aquela pessoa tem nesse ambiente de trabalho. Sinais visuais também representam símbolos de status, como por exemplo, uma grande mesa, uma sala privada, ter uma recepcionista, etc. Portanto com base em Morval (2007) concluiu-se que a utilização do espaço se dá de forma que as pessoas com maior status social, de acordo com a hierarquia interna da empresa, possuam maior espaço e consequentemente o melhor, que foi o que percebemos claramente na visita as duas sedes da empresa Via Norte. De um lado o centro administrativo, limpo, iluminado, agradável, num belo prédio, bem ventilado, extremamente limpo, de outro lado o escritório onde os garis e motoristas se reúnem um local escuro, abafado, com aspecto de sujo, onde nem cabem todos os cinquenta e um garis, mais os motoristas.

Foram elaborados e aplicados questionários para pesquisa de campo. Um questionário para entrevistar a equipe de garis e motorista do caminhão do lixo que acompanhamos, sendo para isso utilizado um questionário estruturado e aberto.

E outro questionário para os servidores da administração da empresa V. N. que trabalham diretamente com os garis e motoristas do caminhão do lixo. Questionário este também estruturado e aberto, onde nos foram elucidadas questões quanto ao relacionamento garis e seus superiores, procedimentos utilizados pela empresa para contratação, para seleção das equipes, para procedimento de reclamações da sociedade, etc.

Também acompanhamos turnos de trabalho desses profissionais da limpeza urbana, sendo que uma das acadêmicas fez a observação de dentro da cabine do caminhão de lixo junto com o motorista, enquanto que outras acadêmicas acompanharam o percurso de carro seguindo o caminhão.

Observou-se que a cabine do caminhão estava muito limpa, com cheirinho de limpeza, havia jornais no piso demonstrando que a recém havia sido lavado, havia quatro bichinhos de pelúcia pendurados nos vidros, uma bandeira do Sport Clube Internacional

pendurada atrás dos bancos, música tocava no rádio. Percebia-se que o caminhão era muito novo e estava em ótimo estado de conservação, a quilometragem marcava pouco mais de dez mil quilômetros.

E para este trabalho os entrevistados não foram identificados por nome ou outra referência, tendo permanecido em total anonimato.

4 DISCUSSÃO E RESULTADOS

4.1 ROTINA E CARACTERÍSTICAS DO TRABALHO DE UMA EQUIPE DE COLETA DE LIXO

Esses trabalhadores desempenham suas funções na coleta de lixo seis dias por semana, sem trabalhar nos domingos e feriados. Por isso que nas segundas feiras e terças-feiras é recolhida uma quantidade de lixo maior, assim como nos pós-feriados. Devido a isso também eles tem hora para chegar, mas não tem hora para sair, se saírem mais cedo não é descontado e se ficarem até mais tarde ganham hora extra. A cidade está dividida em vinte setores urbanos e onze setores rurais. Coletam entre 120 e 200 toneladas de lixo por dia. Fazem em torno de 40 á 70 km por dia, a equipe que acompanhamos faz 72km/dia.

A CODEPAS recebe cerca de trinta reclamações por dia, sendo que 99% são por não recolhimento do lixo. Mas o que nos foi informado é que, as mesmas pessoas que reclamam são as que colocam o lixo após o caminhão passar ou em local de não acesso dos garis. Dentre esses locais como nos traz coordenador da CODEPAS, a Universidade da cidade é onde há mais reclamações. O próprio Sr. L.C. ou o pessoal da Via Norte vai até o local para verificar a não coleta, quando se vê que toda a rua o lixo foi recolhido e só naquele local/residência permanece o lixo já sabem que foi colocado após a passagem do caminhão. E quando estávamos acompanhando a equipe presenciemos algumas vezes isso acontecer. Também acontece dos moradores colocarem pendurado em grades em que os garis não alcançam para recolher, ou junto a portões com cães ao lado e que morderiam o gari.

A equipe do caminhão é sempre a mesma, onde trabalham cinco funcionários, sendo um motorista, dois garis saem para fazer o trecho na frente a pé e vão amontoando o lixo nas quadras das ruas da coleta e os outros dois garis vão atrás do caminhão fazendo a coleta.

A empresa tem o problema da alta rotatividade de funcionários, o que esta há mais tempo, esta a cinco anos, pois o serviço exige muito esforço físico. Além disso, há grande índice de grau de parentesco entre eles, pois levam irmãos, tios... Também levam amigos

e vizinhos. Muitos gostam do trabalho por estar “em casa” perto da família, por que não tem chefe para ficar cuidando e trabalham mais a vontade.

Segundo o coordenador de pessoal da V. N. os garis comem durante o trecho, fumam com a mesma mão que pegam o lixo, e quando o lixo vira ou estouram eles não juntam, ainda que no caminhão tenha uma vassoura, ganham os IPI's, mas não usam, pois de acordo com J. A., a empresa anterior que fazia a coleta de lixo não exigia o uso dos IPI's, e como a maioria dos garis e motoristas trabalhavam para essa empresa, e atualmente trabalham para a Via Norte, ainda não se adequaram ao uso dos equipamentos. Observamos no dia em que fazíamos a observação que um deles se cortou com caco de vidro solto em um saco que recolheu. No vídeo “Coletor de lixo – gari” (2009) os trabalhadores relatam que as pessoas não enrolam os pedaços de vidro em jornal ou qualquer outro embrulho, e que as tampas dos enlatados também “cortam e machucam feio”. O Sr. J. A., coordenador de pessoal da V. N., também relatou essa dificuldade da população em armazenar vidros quebrados, e citou o caso de pessoas que descartam de forma inadequada agulhas, que por vezes acaba picando o gari e este então é obrigado pela empresa a fazer uso do coquetel do HIV por segurança, mas esta medicação acarreta muitas vezes efeitos colaterais, que acabam deixando por até quinze dias o gari afastado do trabalho.

4.2 TRABALHO COMO CONSTRUTOR DE SUBJETIVIDADE

Segundo Viana (2011), estudos mostram que o trabalho é central na vida dos sujeitos e conforme Dejours apud Viana (2011), o trabalho “é e continuará central em face da construção da identidade e da saúde, da realização pessoal, da formação das relações entre homens e mulheres, da evolução da convivência e da cultura”.

Enriquez apud Viana (2011) reforça a importância do trabalho como fator de equilíbrio psíquico na vida das pessoas, na seguinte afirmação:

O homem sem trabalho ou não reconhecido em seu trabalho, ou ainda não encontrando nenhum interesse em seu trabalho, está próximo da depressão e comumente chega a este ponto de ruptura. Pois o trabalho, em nossa sociedade, é o modo privilegiado de fazer uma obra (por menor que ela seja), de existir, de ter (ou de pensar ter) uma identidade. O trabalho é, atualmente, o melhor método para vencer a loucura.

Porém o que percebemos desses trabalhadores é que não se sentem valorizados, sentem-se menosprezados, excluídos e marginalizados pela população, não só pela população economicamente mais abastada, mas também pela população pobre.

Dejours apud Viana (2011), na perspectiva da *psicodinâmica do trabalho*, considera que prazer-sofrimento inscreve-se numa relação subjetiva da pessoa com seu trabalho e sendo o trabalho uma forma de descarga psíquica então o impasse psíquico gerado na vivência do trabalho definirá se a experiência vivida será de sofrimento ou de prazer. Portanto, dependendo do seu contexto, trabalho pode ser fonte de patologias, de adoecimentos ou de saúde e estará sempre associado ao binômio prazer-sofrimento. E em qualquer situação de trabalho, serão atribuídas novas significações as relações entre organização do trabalho e processo de subjetivação.(MENDES apud VIANA, 2011)

Os trabalhadores entrevistados mostram os dois sentimentos no mesmo trabalho, pois o motorista, por exemplo, diz estar satisfeito e feliz com seu trabalho porque pode ficar em casa com a família, visto que em seu emprego anterior tinha que viajar muito. Diz ter orgulho do que faz e que sua esposa e filho também não tem vergonha dele. Mas por outro lado releva que sofre quando é discriminado, quando sofre preconceito por ser motorista do caminhão do lixo. E isto se torna muito claro quando ele relembra e verbaliza a fala de um sujeito dirigida a ele: “motorista como você é só para dirigir caminhão do lixo mesmo”.

Os relatos dos garis também demonstram essa ambiguidade, pois dizem que são felizes e estão satisfeitos com o trabalho, que “é bom trabalhar aqui porque não tem chefe em cima da gente”, mas ao mesmo relatam o preconceito vivenciado, e dois deles dizem que querem que o filho estude para ter outra profissão e um futuro melhor.

Portanto, as vivências de prazer se manifestam pelo: reconhecimento social, pela satisfação em trabalhar numa área que permite aprendizagens constantes, pela autonomia para organizar o horário de trabalho e a relação saudável entre os colegas. Tais vivências constituem-se indicadores de saúde no trabalho, ao proporcionar a estruturação psíquica, a identidade e expressão da subjetividade no trabalho (Mendes apud Viana, 2011), e o que se percebe é que alguns desses itens esses trabalhadores tem em seu trabalho, porém outros são totalmente ao contrário, como o reconhecimento social e as aprendizagens constantes que não acontecem porque o trabalho deles é braçal e repetitivo dia após dia.

Subjetivação, segundo Mendes apud Viana (2011), é o “processo de atribuição de sentido com base na relação do trabalhador com sua realidade de trabalho, expresso em modos de pensar, sentir e agir individuais ou coletivos”.

4.3 FACILIDADES E DIFICULDADES DOS PROFISSIONAIS NA COLETA DO LIXO

Os garis relatam que o pior local para recolhimento do lixo é na Universidade e em um condomínio horizontal nobre do município, devido às ruas estreitas e as pessoas não respeitarem, não colocarem no lugar adequado.

Eles precisam ter muito preparo físico, pois correm entre 40 e 70 km por dia, relatam que quando chegam a casa tomam um banho e já estão bem. Porém todos eles dizem não fazer nenhum tipo de preparo especial para o trabalho, que se acostumaram com os longos trechos de corrida na chuva e no sol com o trabalho no dia-a-dia. Na reportagem “Os donos da vassoura” (2012), os garis de São Paulo também relatam fazer muito esforço físico em virtude de ter de correr e ao mesmo tempo carregar peso, no caso os sacos com lixo. Também se percebe que nas duas cidades os garis tem pernas bastante musculosas e condicionamento de atleta, como foi demonstrado em “Os donos da Vassoura”(2012) através de testes de resistência física feitos com um gari, mostrando que em 03 horas e 39 minuto perdem cerca de 3014 calorias e os batimentos a cardíacos ficam em torno de 200 por minuto. Nas duas cidades a maior reclamação foi a chuva como principalmente desmotivador para o trabalho, além disso, os garis de São Paulo dizem ser ruim após o almoço voltarem a correr. Já os garis que acompanhamos não tem esse problema em virtude de trabalharem sem parar para almoçar, eles apenas fazem um intervalo onde fumam, bebem água ou geralmente refrigerante e comem algum lanche. O caminhão que acompanhamos tinha dez mil km e foi entregue a V. N. em fevereiro deste ano, portanto tinha um mês de uso, então ficou o questionamento: quantos mil quilômetros esses homens já correram atrás do caminhão do lixo?

Grande parte do trecho são ruas sem asfalto, além de ter muitos becos onde o caminhão entra de ré, que às vezes são descidas e ruas ruins. Por entrarem em ruas de ré também acontece de atropelar pessoas e os próprios colegas, como relatou o motorista: “Atropelei uma mulher no V. (bairro), ela estava com uma criança de um ano meio no colo, o caminhão entrou de ré na rua e quando vi caiu uma sacola no chão, eu parei o caminhão e quando desci vi a mulher com a criança embaixo do caminhão. Graças a deus ela só machucou o joelho. O estrivo (onde os garis ficam de pé atrás do caminhão) bateu na perna dela e ela caiu. Mas foi por pouco”, relata o motorista.

“Também aconteceu de eu dar ré e o gari errar o pé ao subir no estrivo e o caminhão passou por cima dele. Ele passou entre as duas rodas, o diferencial arranhou todo rosto dele”, também relata o motorista. No vídeo “Coletor de lixo – gari” (2009) os

trabalhadores da coleta de lixo também relatam que acontece de caírem da plataforma (estrivo) por estarem muito cansados ou em dias de chuva, pois o sapato escorrega.

Outra realidade do trabalho diário desses homens são os cachorros. Há muitos deles nos bairros, os garis são atacados pelos cachorros e gritam para assustar e se defender, mas às vezes são surpreendidos e mordidos, pois vão recolher o lixo e os cachorros muitas vezes estão comento no lixo e os mordem, acontece também do caminhão atropelar muitos cachorros, pois em muitas ruas o caminhão só consegue entrar de ré como já relatamos e assim o motorista acaba não enxergando os animais, presenciamos também um momento no qual um dos garis, foi pegar o lixo e o cachorro avançou como reflexo o gari deu um chute no animal.

“O que mais tem é cachorro e crianças nessas vilas” fala o motorista que fica pensando por um instante e completa “A gente se vê louco para criar um (filho) imagina essa gente, minha vizinha tem nove filhos” e suspira.

4.4 RELAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DA LIMPEZA URBANA COM A POPULAÇÃO

O Sr. L. relatou que os garis procuram coisas no lixo, porém não presenciamos este fato. Além disso, aparecem coisas inimagináveis no lixo, como vimos pedaços de concreto e grama. O que presenciamos foi que os garis que acompanhamos ganham muitas coisas da população, como: tapete, DVD, TV, roupas, forno elétricos, alimentos, dinheiro..., da mesma forma que relataram encontrar coisas do lixo, como brinquedos, TV, sapatos, etc. É importante lembrar também que eles fazem uma rotatividade entre eles pelos objetos achados e ganhos, cada um tem sua vez, conseguiram entrar num consenso e acertar como seria para cada um ganhar tais objetos, de forma a não criar conflitos dentro da equipe.

Presenciamos uma funcionária de uma padaria dando um saco de pães e também alcançando o lixo na mão do gari. Porém eles não comeram durante o trecho em que o acompanhamos, mas segundo o motorista “eles só não vão comer porque vocês estão aqui”.

Há muitas pessoas que xingam, por discriminação da profissão nas palavras dos garis “Existe preconceito por que agente trabalha no caminhão de lixo, mas agente esta trabalhando, não roubando”, “Por ser lixeiro há preconceito da profissão, quando agente olha para as pessoas, agente vê o preconceito”.

No vídeo “Os donos da vassoura” (2012), os garis falam que o uniforme é sinônimo de discriminação. E o produtor da reportagem que se vestiu de gari e passou um dia trabalhando junto a esses profissionais relata: “quando veste o uniforme de gari você some” e completa: “eu estava invisível”.

De acordo com Celeguim (2009), um trabalhador exercendo função não especializada geralmente usa uniforme. E este uniforme é a expressão – ou a falta dela – que leva os integrantes

da sociedade de consumo a não reconhecer nenhum valor neste uniforme, e ainda menos no seu usuário – seja ele um gari, um lixeiro, uma faxineira, um segurança, um cobrador de ônibus, uma operadora de caixa de supermercado.

A pessoa que usa este uniforme não é vista como participante da sociedade de consumo, onde o que importa são os símbolos de consumo e status social. Então esta pessoa é um ente invisível, e seu uniforme apenas representa uma função utilitária. Foi com base nesta vivência que Costa percebeu que, vestido de estudante, era visto e reconhecido por todos; vestido como gari, jamais foi reconhecido pelos seus colegas e professores de contato diário na Faculdade de Psicologia da USP. Poderia cruzar com todos quantas vezes quisesse sem ser notado, pois um gari é um ente invisível. (Celeguim, 2009)

Quanto a relação entre motorista e sociedade também é complicada, pois as pessoas não respeitam, o motorista nos relatou que é muito comum serem insultados e contou de um dia em que havia um carro mal estacionado em uma rua e solicitou que o motorista do veículo tirasse o carro para o caminhão passar, o motorista ficou furioso e veio até a porta do caminhão e começou a bater na porta e gritar para o motorista descer e resolver como homem. O motorista não o fez e foi manobrando o caminhão até que conseguiu passar, foi quando o homem gritou: “motorista como você é só para dirigir caminhão do lixo mesmo”.

Segundo Sr. J.A. os garis e motoristas são treinados e orientados para não revidarem o que ouvem da população nas ruas durante o desempenho de seu ofício.

As pessoas tratam mal esses trabalhadores da coleta de resíduos, e esse tratamento vem das mais variadas classes sociais. Ouvimos relatos de que pessoas do bairro V., considerado bairro de luxo da cidade, jogam lixo do alto do prédio quando veem o caminhão do lixo se aproximando. Mas também relatam que as pessoas dos bairros mais humildes também apresentam atitudes inadequadas como largar o lixo solto no chão, deixar os sacos abertos, colocar lixo solto nas lixeiras, etc. Então questionamos que a educação é instaurada não pela classe social, mas sim muito pela cultura.

Tem gente que alcança o lixo para eles, da mesma forma em que há pessoas que jogam o lixo neles. Presenciamos pessoas gentis darem garrafas de águas, quando vão entregar o lixo para eles, e até alcançando o lixo na mão do gari.

Existem profissões cujos elementos carregam o mesmo estigma da Invisibilidade Social, tais como lixeiros, garis, faxineiras, seguranças, frentistas, garçons, cobradores de ônibus, e outras de caráter operacional. Para Juliana Porto, “o conceito de Invisibilidade Social tem sido aplicado, em geral, quando se refere a seres socialmente invisíveis, seja pela indiferença, seja pelo preconceito, o que nos leva a compreender que tal fenômeno atinge tão somente aqueles que estão à margem da sociedade”. Juliana Porto diz ainda que:

Enquanto a identidade diz respeito ao reconhecimento, a singularidade articula todos os elementos que costumeiramente constatamos quando definimos a identidade do indivíduo, isto é, como nos sentimos, nossos desejos, nossas atitudes em determinados contextos, em suma, tudo o que diz respeito ao nosso ego. É justamente a essa singularidade, quando ocultada em sua percepção pelo OUTRO, que nos referimos quando aqui falamos de “Invisibilidade Social”.

Foi percebido que a discriminação no município onde acompanhamos o rotina de trabalho e em São Paulo, conforme visto em “Os donos da vassoura” (2012) é a mesma: Os problemas com os motoristas do caminhão, os cachorros, os pedestres que não respeitam e se “jogam” na frente do caminhão, os condutores de veículos que não tem paciência para ficar atrás do caminhão e buzina e xingam, além de por vezes quase atropelar os garis enquanto estão atravessam as ruas para coletar o lixo.

Além disso, houve um relato do motorista que chamou a atenção: “Muitas vezes vi as pessoas dentro dos carros com a mão no nariz”, uma pausa e continua “desde crianças até adultos”. O que nos remete a pensar sobre a questão do forte cheiro que exala dos resíduos coletados. Todos os garis, assim como o motorista disseram que o cheiro não incomoda, que eles já estão acostumados. Que “nos primeiros dias até é incomodo, mas nada demais”. De acordo com Morval (2007), as pessoas se acostumam com a poluição, e parecem habituar-se a ela, tornam-se mais resistentes, notando menos a poluição, portanto isso os afeta menos e convivem com isso sem ter a esperança de modificar esse ambiente, até porque antes de tudo sentem-se impotentes. E é isso que concluímos que acontece com os trabalhadores que acompanhamos; eles não demonstram problemas com o cheiro, não reclamam, em nenhum momento aparentaram ter nojo ou incomodo, e um dos garis disse: “Já me acostumei com o cheiro”.

4.5 DA PALAVRA AO ATO

Os garis têm atitudes e sentimentos de ambiguidade de amor e ódio entre eles. Vimos que por terem laços de parentesco e amizade muitos deles se ajudam no trabalho, dão dicas uns para os outros, se auxiliam, são companheiros, jogam futebol juntos, se visitam, participam de festas familiares uns dos outros. Porém esse clima muda bruscamente quando algo desagradar algum deles, como foi o caso do relato em que o gari chegou de manhã e agrediu fisicamente dando socos no companheiro, o que alegou foi que o companheiro que era da equipe que devia amontoar o lixo e que iria na frente não havia amontoado o lixo no dia anterior, dificultando então o trabalho dos que deveriam apenas recolher o lixo e colocá-lo no caminhão. Segundo Pescarolo, no dicionário está basicamente a noção de que a violência é algo que ocorre quando as pessoas perdem a cabeça e partem para a agressão física. E o que se viu foi que ao invés de ir conversar com o colega que não havia amontoado o lixo, o do porque do acontecido, ele foi diretamente ao ato. E chama a atenção é que segundo relato dos colegas, no momento seguinte os dois garis que brigaram já estavam bem, conversando.

Segundo Silveira, tanto as agressões físicas quanto verbais foram desencadeadas por nosso psiquismo seja com “forças” do inconsciente, pré-consciente ou consciente e terão efeitos psicológicos.

Segundo Velloso, o trabalhador se localiza na ansiedade originada pelo trabalho, na desestruturação de suas relações psico-afetivas com seus colegas de trabalho e na ansiedade gerada pela sua luta de sobrevivência e associações com seus problemas, o que o deixa vulnerável, acarretando em frustrações e agressividade.

Observou-se que falam muitos palavrões, discutem entre si, ao mesmo tempo em que vimos que fazem competição de quem corre mais, quem chega na frente no final da rua, etc. O ambiente se mescla entre a hostilidade e o companheirismo.

De acordo com Pescarolo,

na realidade, os conflitos sempre existiram e vão continuar existindo, pois ele está na base de qualquer relacionamento: entre pais e filhos, amigos, companheiros, colegas de trabalho e em qualquer lugar onde existam relações humanas. O que nos torna individuais é o caráter de unicidade que adquirimos durante o nosso desenvolvimento, decorrente de nossa história, das relações que estabelecemos ao longo de nossa vida. No entanto, ser único implica ser diferente, querer diferente e pensar diferente. Não há no mundo duas pessoas que são iguais em tudo. Assim, buscar a ausência de conflitos é aniquilar a possibilidade de sermos individuais. O problema não deveria residir na existência dos conflitos, mas na forma como buscamos resolvê-los.

Portanto os conflitos são inevitáveis, então conversemos para resolver. Essa conversa tem de ser de modo a entender o ponto de vista do outro, ser empático, não atacando a pessoa, mas o problema, e assim buscando a solução para o conflito.

4.6 SITUAÇÃO DO ATERRO SANITÁRIO NO MUNICÍPIO

O caminhão que acompanhamos faz cerca de setenta e dois quilômetros e descarrega por dia, exceto segundas-feiras e feriados, uma vez no aterro. O que se viu no vídeo “Os donos da vassoura” (2012) é que o caminhão em São Paulo percorre em média trinta e dois quilômetros e descarrega o caminhão do lixo quatro vezes. O que nos fez pensar que em Passo Fundo os setores são metade do tamanho dos setores de São Paulo, porém produzem quatro vezes menos lixo.

Nos deslocamos para o aterro para fazer o descarregamento do lixo. O motorista relata que a policia rodoviária estadual complicava dizendo que os garis tinham que usar cinto de segurança e que não podiam andar atrás do caminhão, na caçamba, agora está tudo bem depois de muita conversa. Isso porque para ir até o aterro passa pelo posto da policia rodoviária estadual que fica na RS-324.

A coleta vai toda para o aterro, que está interditado por não ter mais capacidade para receber lixo, além da esteira de reciclagem estar desativada por não ter separação adequada e acabar caindo na esteira restos orgânicos que estragaram a esteira. “A esteira é da cooperativa de reciclagem e o dinheiro é dividido na população pobre, mas agora tá parada” relata o motorista. Então o lixo está sendo levado para P. M. e M. L., por uma empresa terceirizada. Segundo informações do Sr. J.A. saem por dia dez carretas carregadas de lixo do aterro para essas cidades. Vimos que no aterro o caminhão chega e despeja o lixo em qualquer lugar, “Coleta seletiva é jogada no aterro tudo junto, pura politica, não tem serventia nenhuma coletar separado e largar tudo junto”, relata o motorista.

Observamos as condições precárias do aterro, onde pessoas, animais e crianças caminhavam no meio do lixo, o mais irônico é que tem um guarda no portão de acesso ao aterro que não queria permitir a nossa entrada ao local, mas crianças podem “passear” no meio de todas aquelas montanhas de lixo e caminhões entrando e saindo, além de retro-escavadeiras juntando o lixo?

Conforme visto no vídeo “Coletor de lixo-gari” (2009), a fala do Sr. Emilio, professor da UFRJ, não é o contato necessariamente com o lixo que ocasiona problemas,

pois se fosse assim todos os lixeiros estariam mortos. O problema é o não tratamento do lixo que vai ocasionar problemas de saúde pública.

Ainda segundo o professor Emilio, muitas cidades tem uma coleta de lixo boa, mas uma péssima destinação final, e é o caso de Passo Fundo/RS.

De acordo com Morval (2007), o ser humano está inserido no ecossistema e o manipula esse ambiente para sobreviver. Portanto deveria assumir uma responsabilidade ecológica, visto que tentam dominar o ambiente e que o fazem com objetivo essencialmente utilitarista.

Questões culturais, políticas, sociais e econômicas desempenham importante papel nesta questão do homem e o ambiente. Após a fabricação e o uso dos produtos, restam os resíduos que deterioram o ambiente direta ou indiretamente, aumentando assim os custos sociais em longo prazo. Portanto a produção é o começo de qualquer atividade e o consumo o seu fim, mas na verdade fazem parte de um ciclo ecológico completo. (MORVAL, 2007)

Já dizia a catadora de lixo reciclável no filme “Lixo Extraordinário” (2009) que as pessoas ficam nas suas casas, sentadas no sofá vendo televisão, consumindo produtos e gerando lixo, mas não pensam para onde vai tudo que sobrou do consumo.

Os problemas ecológicos são problemas de comportamento simultaneamente individual e coletivo, e os comportamentos e atitudes dos cidadãos devem estar de acordo com a política governamental (Morval, 2007), mas o que se percebe é que a sociedade está fazendo a coleta seletiva, separando o lixo orgânico do seco, mas a adequada destinação não está sendo realizada, seja por questões do aterro estar interditado ou por política, visto que na teoria a coleta seletiva existe, porém na pratica não acontece, então como disse o Sr. J.A.: “é muito importante os políticos quererem, não adianta ser só para ter votos, ter que funcionar na prática”.

A avaliação dos problemas ecológicos depende da percepção que os sujeitos têm deles, e observa-se que os receptores se adaptam ativando-se com menos frequência após uma exceção repetida a um mesmo estímulo como a exposição a poluentes externos ou ambientes deteriorados (Morval, 2007) e essa foi nossa percepção, visto que no primeiro dia o cheiro era insuportável, segundo dia já nem parecia tanto e assim por diante. E este também é o relato dos garis e motorista, de que se acostumaram com o cheiro, que isso não é problema para eles.

Enquanto que a população julga que o governo, a indústria e a tecnologia devem resolver os problemas ecológicos, percebe-se cada vez mais que é necessária uma

conscientização do cidadão, pois quanto menos implicados nos problemas ecológicos estiverem menos os sentirão adequadamente. Ao mesmo tempo em que pessoas que não estão implicadas no problema pensam que o mesmo pode ser resolvido facilmente, ao mesmo tempo em que quando conhecem realmente o problema veem que não existe uma solução tão fácil e rápida. (MORVAL, 2007)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de trabalho de coleta de lixo domiciliar é constituído de uma tecnologia precária, praticamente manual, onde o corpo do trabalhador transforma-se em instrumento de carregar o lixo. Essa vivência de carregar aquilo que não serve mais para o outro, o resto, implica experiência de condições desagradáveis do estado psíquico, sobretudo na vida emocional dos sujeitos.

De acordo com Santos (2009), a sociedade deve descobrir uma forma de se livrar do lixo que produz, pois o destino do lixo, em 70% dos municípios brasileiros, ocorre de forma inadequada e, frequentemente, o sistema utilizado é a disposição final sobre o solo, notadamente em lixões, que são depósitos oficiais de resíduos.

Segundo Santos (2009),

consumimos sem qualquer preocupação com a finitude dos recursos naturais, com a destinação final do lixo e, menos ainda, com a saúde das pessoas (garis e catadores) que nos livram de diversas doenças decorrentes do contato com o lixo. Além disso, ser catador de materiais recicláveis ou garí, apesar da importância que estas classes têm, é - como eles mesmos percebem - uma atividade que implica em uma intensa desqualificação social.

Frente à essa realidade vivida pelos garis percebemos que a educação ambiental pode contribuir para diminuir o sofrimento destes sujeitos valorizando seu trabalho, mostrando a importância que eles tem para a questão ambiental.

Além da questão cultural que deve ser revista, pois somos desatenciosos com esses laboriosos e silenciosos trabalhadores do nosso cotidiano. Nunca nos aproximamos deles. Os vemos como se fossem portadores de doenças transmissíveis pelo simples olhar, pelo sorriso, pelas mãos sujas e calejadas, pelas roupas surradas. Não é tarefa fácil correr oito horas de dia ou de noite, no sol ou na chuva, atrás de um caminhão coletor do nosso lixo. E mesmo assim não consideramos um trabalho digno o que esses bravos homens fazem.

Percebemos com esse trabalho que as relações com a sociedade é muito conflituosa, assim como a relação entre os próprios colegas, o que nos faz pensar sobre

as condições psíquicas que esses homens vivem. Como já falamos anteriormente o trabalho é construtor de subjetividade, mas como está constituída a subjetividade desses trabalhadores que são invisíveis e desprezados por todos aqueles que não podem viver sem eles?

Eles são invisíveis para a sociedade porque é mais fácil não ver, assim como não queremos ver a criança pedindo esmolas na sinaleira, o menino vendendo bala na rua, o homossexual, o negro, a faxineira com seu uniforme no supermercado. Nenhum deles é visto pela sociedade porque “ver” essas pessoas acarreta sentimento de impotência, de não termos o poder, de sermos todos iguais em algum aspecto ainda que uns tenham dinheiro e poder e outros não, e vê-los, necessariamente, traz a tona a realidade de que esses homens também são seres desejantes, com subjetividade, com aspirações e sonhos, por tudo isso os tornamos invisíveis, pois assim não precisamos mexer em nossas feridas mais profundas e que nunca terão cura: a desigualdade social.

O questionamento é: como seria a cidade sem esses trabalhadores? E percebemos que aquele que discrimina é o mesmo que não vive sem o gari, ou seja, a população em geral, todos nós.

REFERÊNCIAS

CELEGUIM, Cristiane R. J.; ROESLER, Heloísa M. K. N. A invisibilidade social no âmbito do trabalho. Revista Científica da Faculdade das Américas, São Paulo, Ano III, número 1, 1º semestre de 2009. Disponível em: <<http://www.fam2011.com.br/site/revista/pdf/ed4/art6.pdf>>. Acesso em 20 mai. 2012.

CONSTANTINO, Matheus. Invisibilidade social: outra forma de preconceito. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/invisibilidade-social-outra-forma-de-preconceito>>. Acesso em: 20.mai.2012.

GUTIERRES, M. Invisibilidade pública transforma pessoas em objetos. Disponível em: <<http://www.usp.br/agen/repgs/2003/pags/036.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2012.

MORVAL, Jean. Psicologia Ambiental. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

PESCAROLO, Joyce. Aspectos Sociológicos e Psicológicos da Violência. Disponível em: <<http://www.naoviencia.org.br/sobre-aspectos-sociologicos-psicologicos-da-violencia.htm>> Acessado em: 15.jun.2012.

PESCAROLO, Joyce. Conversar para resolver. Disponível em: <<http://www.naoviencia.org.br/sobre-conversar-para-resolver.htm>> Acessado em: 15.jun.2012.

PORTO, Juliana. Invisibilidade social e a cultura do consumo. Departamento de Artes e Design. Disponível em: <http://www.dad.puc-rio.br/dad07/arquivos_downloads/43.pdf>. Acesso em: 19.mai.2012.

SANTOS, Gemelle. Há dignidade no trabalho com o lixo? Considerações sobre o olhar do trabalhador. Revista Mal-Estar e Subjetividade. v.9 n.2 Fortaleza jun. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1518-61482009000200013&script=sci_arttext> Acessado em 18.jun.2012.

SILVEIRA, Roberto. Toda violência é psicológica na origem e no destino. Disponível em: <<http://robertolazarosilveira.com.br/toda-violencia-e-psicologica-na-origem-destino/>> Acessado em: 15.jun.2012.

VELLOSO, Marta. A coleta de lixo domiciliar na cidade do Rio de Janeiro: um estudo de caso baseado na percepção do trabalhador. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v3n2/7158.pdf>> Acessado em: 18.jun.2012.

VIANA, E. A. S.; Machado, M. N. M. (2011). Sentido do trabalho no discurso dos trabalhadores de uma ONG em Belo Horizonte. Psicologia e Sociedade, 23(1), 46-55.

COLETOR DE LIXO – GARI. Produção: Ranimiro Lotufo. Zoom multimídia. 2009. Vídeo (4 min). Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=OMOdM0IKcjA>> Acessado em: 10. Mai.2012.

LIXO EXTRAORDINÁRIO. [Filme-vídeo]. Direção: Walker L. Produção: Angus Aynsley e Hank Levine. Rio de Janeiro: 2009, DVD, (99 min), legen., color.

OS DONOS DA VASSOURA. Direção: Marcelo Parada. Redação: Cilene Frias. Conexão Repórter. Reportagem exibida dia 19.abr.2012. SBT. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6nIUKELYqQE>> Acessado em: 10. Mai.2012.